

ISSN 1676-8965  
RBSE 6 (17): 594-599  
Agosto de 2007  
**DOCUMENTO**  
**Tradução**

## **Nota sobre a noção de civilização<sup>1</sup>**

*Marcel Mauss et Émile Durkheim*

Uma das regras que seguimos ao estudar os fenômenos sociais em si e para si mesmos é não os deixar no ar, mas trazê-los para um substrato definido, isto é, um grupo humano ocupante, ao mesmo tempo, de uma porção determinada de espaço e possível de ser geograficamente representado. Ora, de todos estes grupamentos, o mais vasto, aquele que compreende em si todos os outros e que enquadra e contém todas as formas de atividade social é o que forma a sociedade política, a tribo, a povoação, a nação, a cidade, o Estado moderno, etc.. Parece, por conseguinte, em uma primeira aproximação, que a vida coletiva não possa desenvolver-se a não ser no interior de organismos políticos, aos seus contornos definidos, e aos seus limites claramente marcados, isto é, parece que a vida nacional é a forma mais elevada e que a Sociologia não pode conhecer fenômenos sociais de uma ordem superior.

---

<sup>1</sup> - Tradução de *Mauro Guilherme Pinheiro Koury*. Artigo extraído da Revista *Année sociologique*, 12, pp. 46 a 50, 1913.

Não é que não possua quadros tão claramente definidos: a vida coletiva atravessa as fronteiras políticas e estende-se por espaços menos facilmente determináveis. Embora a sua complexidade torne o seu estudo, atualmente, difícil, importa, entretanto, constatar a sua existência e marcar o seu lugar no conjunto da Sociologia. A etnografia e a pré-história particularmente contribuíram para direcionar a atenção para este lado.

O enorme trabalho que, desde cerca de trinta de anos, vem prosseguindo nos museus de etnografia da América e da Alemanha, e, sobretudo, nos museus pré-históricos da França e da Suécia, com efeito, não ficou sem resultados teóricos. Especialmente do lado etnológico, as necessidades científicas de simplificação e de catálogo e mesmo das simples necessidades práticas de classificação e de exposição conduziram a classificações ao mesmo tempo lógicas, geográficas e cronológicas: lógicas, porque na ausência de história possível, a lógica é o único meio para aperceber, pelo menos a título hipotético, seqüências históricas de instrumentos, de estilos, etc.; cronológicas e geográficas porque estas séries desenvolvem-se no tempo assim como no espaço, estendendo-se à pluralidades de povos diferentes. Há muito tempo que nos museus americanos expuseram-se mapas que mostram a extensão de tal ou tal tipo de arte, e, nos museus pré-históricos, tem-se proposto esquemas genealógicos das formas de tal ou tal instrumento.

Existe, por conseguinte, fenômenos sociais que não são unidos estritamente a um organismo social determinado, eles estendem-se por áreas que excedem um território nacional ou desenvolvem-se sobre períodos de tempos que extrapolam a história de uma sociedade. Vivem uma vida em certa medida supranacional.

Mas não são apenas a tecnologia ou a estética que colocam estes problemas. A lingüística, por muito tempo, vem estabelecendo inúmeros fenômenos do mesmo tipo. As línguas faladas por povos diferentes têm entre elas relações de parentesco: certas formas verbais, gramaticais e outras, reencontram-se em sociedades diferentes. Permitem agrupar famílias de povos que possuem ou já estiveram contatos uns com os outros ou que são procedentes de uma mesma origem - fala-se

correntemente de uma língua indo-européia. São, do mesmo modo, instituições. As diversas nações de algonquinos ou de iroqueses possuíam um mesmo tipo de totemismo, uma mesma forma de magia ou religião. Sobretudo nos povos polinésios, encontra-se uma mesma espécie de organização política (poder dos chefes). Os processos de formação da família foram idênticos em todos os povos que falam uma língua indo-européia.

Mas, constatou-se que os fatos que apresentam este grau de extensão não são independentes um dos outros; são vinculados geralmente em um sistema solidário. Ao ponto de, frequentemente, um deles venha a ter implicações sobre os outros e detectar a sua existência. As categorias matrimoniais são características de todo um conjunto de crenças e práticas que se reencontram em toda a extensão da Austrália. A ausência de cerâmica é um dos traços distintivos da indústria polinésia. Certa forma de enxó é essencialmente malinesiana.

Todos os povos que falam uma língua indo-européia têm um fundo comum de idéias e de instituições. Existem não simplesmente fatos isolados, mas sistemas complexos e solidários que, sem serem delimitados possuem um organismo político determinado, e são localizáveis no tempo e o espaço. Estes a sistemas de fatos, que têm a sua unidade, a sua maneira de ser própria, convem dar um nome especial: o nome de civilização parece-nos melhor apropriado.

Sem dúvida, qualquer civilização é susceptível de se nacionalizar e adquire, no interior de cada povo, de cada Estado, características específicas. Mas, os elementos mais essenciais que o constituem não são específicos nem de um Estado nem de um povo; ultrapassam suas fronteiras, quer se espalhem, a partir de um foco determinado por uma pulsante expansão que lhes é própria, quer resultem de contatos que se estabelecem entre sociedades diferentes e sejam sua obra comum.

Há uma civilização cristã que, em diversos centros, foi elaborada por todos os povos cristãos. Há uma civilização mediterrânica que foi comum a todos os povos que limitam o litoral mediterrâneo. Há uma civilização da América norte-ocidental, comum aos Tlinkit, aos Tsimshian, e aos Haida, embora falem línguas de famílias diversas, e tenham costumes diferentes, etc.. Uma civilização constitui uma espécie de meio

moral no qual são mergulhadas diversas nações e onde cada cultura nacional é apenas uma forma particular.

É notável que estes fenômenos muito gerais foram os primeiros que chamaram a atenção dos sociólogos; foram eles que serviram de matéria à Sociologia nascente. Em Comte, não é uma questão de sociedades específicas, de nações, de Estados. O que ele estuda, é o grau geral da civilização. Faz abstração das individualidades nacionais, estas interessam-no apenas na medida em que podem ajudá-lo a marcar as etapas sucessivas do progresso humano. Tivemos frequentemente ocasião de mostrar o quanto este método é inadequado aos fatos, porque deixa de lado a realidade concreta que o observador pode melhor e mais imediatamente atingir, isto é, os organismos sociais e as grandes personalidades coletivas que se constituíram durante a história.

São estes fatos que o sociólogo deve abordar. Deve ater-se a descrevê-los, a classificá-los em tipos e espécies, analisá-los e procurar explicar os elementos que os compõem. Mesmo que se possa pensar que este meio humano, esta humanidade integral na qual Comte se propunha fazer a ciência, seja apenas uma construção do espírito, não se pode esquecer que, fora os agrupamentos nacionais, existe outra, mais vasta, mais claramente definidas, que têm no entanto uma individualidade e que são a sede de uma vida social de um tipo novo. Não se existe *uma* civilização humana, houve, e haverá sempre civilizações diversas, que dominam e envolvem a vida coletiva específica de cada povo. Existe, deste modo, uma ordem de fatos que merecem ser estudados, e por métodos que lhes sejam adequados.

Todas as espécies de problemas que até agora foram negligenciados podem ser abordadas a este respeito. Podem-se procurar quais são as condições diversas em função das quais variam as formas de civilização, porque elas se detêm aqui ou lá, quais são as formas que afetam e os fatores que determinam estas formas. Todas as perguntas que, como o mostrou Ratzel, se põe a propósito das fronteiras políticas podem pôr-se igualmente a propósito destas fronteiras ideais.

Em segundo lugar, todos os fatos sociais não são igualmente aptos a internacionalizar-se. As instituições políticas, jurídicas, os fenômenos de morfologia social fazem parte da constituição própria de cada povo. Pelo contrário, os mitos, os contos, a

moeda, o comércio, as belas artes, as técnicas, os instrumentos, as línguas, as palavras, os conhecimentos científicos, as formas e os ideais literários qualquer viajam, empresta-se e resulta, em uma palavra, de uma história que não é a de uma sociedade determinada. É conveniente, por conseguinte, interrogar-se de que depende este desigual coeficiente de expansão e de internacionalização.

Estas diferenças, contudo, não têm unicamente à natureza intrínseca dos fatos sociais, mas também as condições diversas nas quais as sociedades se encontram colocadas: porque, de acordo com as circunstâncias, uma mesma forma de vida coletiva é ou não susceptível de internacionalizar-se. O cristianismo é essencialmente internacional, mas houve religiões estreitamente nacionais. Há línguas que se espalharam sobre vastos territórios, do mesmo modo que existem outras que servem para caracterizar nacionalidades. É o caso das que falam os grandes povos da Europa.

Todos estes problemas são certamente sociológicos. Sem dúvida, eles não podem ser abordados por outros sem passar pela Sociologia. É através da etnografia e da história, contudo, que se podem traçar estas formas de civilização e unir civilizações diversas à sua base fundamental. Destarte, trabalhos preliminares encontram-se suficientemente avançados e outras perguntas mais gerais tornam-se possíveis e são da competência da Sociologia, tal como as que acabam de ser indicadas. Trata-se, aqui, de atingir, por meio de comparações metódicas, causas e leis.

Escritores, como o P. Schmidt, por exemplo, pouco compreendeu este fato e pretenderam subtrair o estudo das civilizações da Sociologia, para reservá-lo a outras disciplinas, nomeadamente à etnografia. Como forma de abordagem, contudo, a etnografia não possui condições suficientes para a tarefa e a história enfrenta os mesmos limites para as mesmas investigações com os povos históricos. Além disso, qualquer civilização faz apenas exprimir uma vida coletiva de um tipo especial, à que tem por substrato uma pluralidade de corpos políticos em relações uns com os outros, e uns agindo sobre os outros. A vida internacional é apenas um tipo de vida social de uma espécie superior que a Sociologia deve conhecer.

Sem dúvida, não se teria pensado em excluir a Sociologia destas investigações, se não se fosse ainda demasiado freqüente a crença de um desenvolvimento do espírito e não de que para explicar uma civilização se deve retornar e procurar de onde ela vem, que fatos e relações lhes são emprestados e por qual via caminha de um ponto determinado a outro. Realmente, a verdadeira maneira de dar conta desta tarefa é encontrar quais são as causas das quais resultou uma civilização, é dizer quais são as interações coletivas, de ordens diversas, de que uma determinada civilização é produto.

Tradução de *Mauro Guilherme Pinheiro Koury*